

O PAPEL DO TUTOR, DO CURRÍCULO E DOS AMBIENTES VITUAIS DE APRENDIZAGEM (AVA) NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Ouro Preto – MG – Abril 2013

Pedro Luiz Teixeira de Camargo – UFOP – pedro0peixe@yahoo.com.br

Valdir Lamim-Guedes – UFOP – dirguedes@yahoo.com.br

Categoria: B - Conteúdos e Habilidades

Setor Educacional: 5 - Educação Continuada em Geral

Classificação das Áreas de Pesquisa em EaD

**Macro: D. Teorias e Modelos / Meso: L. Formas de Assegurar a Qualidade
/ Micro: M. Design Instrucional**

Natureza: C - Modelos de Planejamento

Classe: 1 - Investigação Científica

RESUMO

O presente trabalho se propõe a discutir os rumos da educação à distância (EAD) no Brasil, o papel do tutor e das plataformas virtuais neste processo, além, é claro do papel do aluno, que deve (mas nem sempre é) ser o ator principal do processo educacional. Para tanto se fez uma revisão bibliográfica sobre estes temas apresentando-se neste artigo os resultados obtidos, em especial a conclusão de que para um curso em EAD ser bem sucedido, necessita-se principalmente do esforço e da dedicação do aluno.

Palavras-Chave: Educação a Distância (EAD); Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA); Tutor.

1. INTRODUÇÃO

Na área educacional, tem-se observado diversas novidades dentro do processo educacional neste novo século que se iniciou há apenas 13 anos, e uma destas novidades tem sido o ensino virtual, com o uso de tecnologias oriundas da informática. Apesar desta novidade, ou seja, o uso de computadores e da internet nesta modalidade de ensino, a Educação a Distância não é algo novo. Segundo Lobo Neto (p. 22), as primeiras experiências precursoras do surgimento da Educação a Distância (EAD) remontam a 1728.

A EAD tem se mostrado cada vez mais famosa entre os meios educacionais, prova disso são os inúmeros congressos a respeito deste tema que se tem observado. Segundo site do NEAD (Núcleo de Educação a Distância) da UNESP, somente em 2013 (a partir de abril) se realizarão 25 eventos deste tipo pelo mundo, sendo que destes 21 serão realizados em nosso país, provando novamente como tal modalidade de ensino tem se enraizado por aqui.

Ainda com relação à EAD, observa-se também uma relativa dificuldade de compreensão desta nova forma de se educar, inclusive com muitos alunos entendendo de diversas maneiras, mostrado ainda estarem muito aquém do necessário com relação à alfabetização tecnológica, como é possível perceber nos fóruns de discussão das plataformas.

Ao se falar em cursos à distância, o primeiro debate que aparece é: e o professor, onde fica? Esta simples pergunta pode ter diversas respostas, pois aqui se pode inclusive entrar no debate sobre o que vem a ser professor para cada sujeito (que não é o caso).

As comunidades virtuais de ensino apresentam tutores, que vem a representar o papel de debatedores, porém sem o papel de serem meros repetidores, mas sim condutores de um debate acerca de um determinado tema (REIS & LINHARES,2009).

Os projetos de cursos à distância, que devem perseguir primordialmente a qualidade, só alcançarão esse patamar através da capacitação adequada dos profissionais que neles atuam. Um dos caminhos a serem seguidos nesse processo é o acesso desses profissionais a uma série de conhecimentos. O primeiro passo na aquisição desses conhecimentos

torna-se possível através do conhecimento dos Referenciais de Qualidade do MEC (BRASIL, 2007). Seguindo tais orientações, o Projeto Político Pedagógico (PPP) para a implantação de um curso na modalidade a distância deve incluir a exposição integrada de alguns tópicos fundamentais, que incluem: concepções de educação e currículo, sistemas de comunicação, material didático, avaliação, equipe multidisciplinar, infraestrutura de apoio, gestão acadêmico-administrativa e sustentabilidade financeira.

Ainda em cima deste tema, vê-se a necessidade que os ambientes virtuais sejam realmente locais capazes de levar os alunos a interagirem entre si, deixando os mesmos como sujeitos de seu próprio destino, desde que sem perder o foco (NUNES *et.al*, 2009).

Portanto, com base na premissa apresentada, discutir-se-á neste trabalho acerca do papel do tutor, do currículo e das plataformas virtuais no processo de ensino-aprendizagem do aluno EAD.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1. O Papel do Tutor

Antes de se pensar no que venha a ser e para que serve o tutor EAD, é importante se abandonar sistemas conceituais fundamentados na ideia de margem, hierarquia e linearidade e substituí-los por outros como a multilinearidade, nós, links e redes (LANDON,1992 *apud* RIBEIRO e JUCÁ, 2001).

Neste novo modelo de ensino, muitas das vezes bem diferente do modelo tradicional, temos um novo ator: o tutor. Este passa a ser alguém que será capaz de levar os alunos a andarem com suas próprias pernas, ou de maneira mais específica, será o sujeito capaz de levar o aluno a construir seu próprio conhecimento (NUNES *et.al*, 2009).

Ao se pensar historicamente na educação, a busca de um facilitador do conhecimento não é algo novo, mas a sua atuação como mediador, facilitador, incentivador, investigador com uma identidade própria, é sim algo novo (ALMEIDA, 2001), aliás, muito novo.

Estes novos profissionais, fundamentais neste novo modelo que está se consolidando cada vez mais, devem também ser os sujeitos que irão conduzir um debate saudável entre os alunos sendo capazes de conduzir um novo tema de cada vez sem, de maneira alguma, lembrarem os tradicionais professores repetidores do ensino tradicional (REIS E LINHARES, 2009).

Outro ponto fundamental a ser debatido, perpassa pelo papel pedagógico do tutor, pois se pode, tanto alunos quanto tutores, se comunicarem de diversas formas, sem, porém atingir a chamada comunicação real (MORAN, 2007). Segundo este autor, “só conseguimos realmente nos comunicar quando os parceiros estão abertos e querem trocar ideias, vivências, experiências, das quais ambos saem enriquecidos”.

2.2. O Papel do Currículo

Com relação ao currículo que cada Instituição de Ensino Superior (IES) vai apresentar acerca de um determinado curso semipresencial ou à distância, temos que lembrar que muitas vezes se está habituado a uma realidade em que os estudantes, por si só, não são estimulados a se tornarem agentes do seu processo educacional, deixando o professor como este ator principal do processo educativo. Tal atitude leva a conservação de estruturas existentes, de maneira a se perpetuar de um sistema educativo acrítico (SATO, 1997).

A falta de crítica em qualquer tipo de curso seja presencial ou à distância é sempre equivocada, afinal de contas quem deve ser visado como sujeito do processo de aprendizagem é o aluno, fazendo com que este participe e se interaja, uma vez que a maior parte da construção do processo educativo ocorre nestas situações (CARVALHO, 2009).

Neste ponto específico, que entra o papel do currículo, pois é através dele é que se tem como deixar claro à equipe responsável pelo processo (professores e tutores) qual o papel que cada um precisa cumprir. Evidentemente que neste ponto não se está deixando de lado cursos de aperfeiçoamento, porém é através de um roteiro é que se consegue uma ação realmente viável.

Não se podem tratar estas novas mídias como se faz com o ensino tradicional (erro comum, pois muitos tutores são oriundos de cursos

presenciais), pois se corre o risco de afastar o aluno do processo virtual de aprendizagem, quando o correto seria trazê-lo para perto (MARTINS e QUADROS, 2004).

Uma possível solução para este dilema poderia ser o melhor uso dos recursos dos ambientes virtuais de aprendizagem (AVAs) e também usar a criatividade, afinal todo professor, e com o tutor não é diferente, precisa saber se aperfeiçoar e buscar a melhor forma de cativar o aluno, afinal para se construir o conhecimento é necessária interatividade (PIAGET, 1996).

Quando se pensa em interatividade, muitas pessoas tendem a pensar que não exista ou não tenha como existir relações interpessoais virtuais. Ledo engano, tendo em vista o alto número de ferramentas computacionais que permitem relações cada vez mais pessoais como Orkut, Facebook, Badoo e até mesmo o Twitter e o e-mail podem ser considerados dentro deste raciocínio.

Um exemplo interessante dentro disso, pode o uso de fotografias nos perfis do tutor, do professor e do aluno, além de mensagens de boas vindas e lembretes. Além de aumentar o vínculo gerando uma aproximação entre cada um dos participantes, tais atitudes ainda colaboram para trazer de volta ao grupo aqueles alunos que se sentem mais isolados.

Evidentemente, que em AVAs, como não pode deixar de ser, também se faz necessário que se ocorra uma interatividade entre todos os participantes, tanto faz se tutores ou alunos, esta interatividade é fundamental, pois será através das trocas de experiências, que se conseguirá uma didática participativa por parte de todos (SANTOS & ALVES, 2006).

2.3. A Importância das Plataformas Virtuais

Para minimizar o problema de muitas vezes o tutor deixar a desejar nos aspectos pedagógicos e de integração grupal (GOECKS, 2004) é que se disponibiliza diversos equipamentos virtuais como ambientes interativos e a Plataforma Moodle.

Ambientes interativos e de interesse para todos, necessariamente precisa passar por uma formação de qualidade por parte daqueles que participam da coordenação do ambiente e ninguém melhor que o tutor, que

apesar de não ser o professor acaba muitas vezes tendo que se comportar como tal, deva ser mais bem formado (LEAL, 2009).

Já com relação ao Moddle, ela é ainda uma plataforma muito nova, sendo de 2002 (CAMPOS *et. al*, 2007) e muitos educadores ainda não a conhecem ou então estão usando outras plataformas, como é o caso da UFRGS, que se utiliza da plataforma ROODA (Rede Cooperativa de Aprendizagem) tanto nos cursos de graduação e pós-graduação presenciais ou à distância.

Esta plataforma ROODA, é um pouco mais antiga que o Moddle, sendo de 2000, porém esta apresenta também muitas características similares a segunda, como ter sido criada em um ambiente de software livre, linguagem PHP e de fácil uso e aprendido pelos usuários (BEHAR *et. al*, 2007).

A Plataforma Moddle pode permitir ao aluno diferentes tipos de benefícios de interatividade a serem utilizados por ele (MOODLE DOCS, 2010), como exemplo disso, podemos citar algumas ferramentas:

Os fóruns são uma ferramenta de discussão. No caso do Moodle podem ser estruturados de diversas formas tais como discussão geral, uma única discussão ou mesmo sem respostas. São muito úteis, pois podem permitir classificação das mensagens e ainda incluir anexos.

Outra ferramenta muito útil são os chats, que permitem uma comunicação síncrona, em tempo real, entre tutores, professores e alunos. Pode ser útil como espaço de esclarecimento de dúvidas e também ter sua sessão agendada, com possibilidade de repetição.

Os Trabalhos, atividades comuns de qualquer curso, permitem ao professor classificar e comentar na própria página materiais submetidos pelos alunos, ou atividades 'off-line' como, por exemplo, apresentações.

Os Wikis tornam possíveis as construções de textos (utilizando-se de elementos multimídia) com a participação de vários participantes, onde cada um dá a sua contribuição e/ou revê o texto. Por permitir ser sempre possível acessar às várias versões do documento e verificar diferenças entre versões, também é uma ideia muito boa de ser aplicada quando se objetiva uma maior interação do grupo.

Os glossários permitem aos participantes criar dicionários de termos relacionados com a disciplina, bases de dados documentais ou de arquivos,

galerias de imagens ou mesmo links que podem ser facilmente pesquisados, ajudando aos alunos a se sentirem mais incluídos, principalmente quando se pensa em cursos de linguagem mais específica, como é o caso de alguns cursos da área tecnológica.

Evidentemente, que não é porque a Plataforma Moodle oferece todas estas ferramentas que impede o professor de também se utilizar da Internet para buscar outros meios de entreter e ajudar o aluno a buscar sua autonomia de estudo.

Um bom exemplo de um material que pode (e deve) contribuir no EAD são os apresentados no LABVIRT (Laboratório Didático Virtual) da USP (LabVirt, 2010), que disponibilizam diversos recursos cibernéticos que podem contribuir com o ensino à distância, como apostilas virtuais, vídeos educativos e livros de download grátis.

3. CONCLUSÕES

Apesar de o senso comum considerar os cursos EAD como mais fáceis, isto não é verdade, já que estes exigem maior dedicação, autogestão, dedicação em relação a educação presencial. Só se destaca em tal modalidade de ensino, quem realmente tem vontade e o pressuposto para o estudo de um adulto, é que haja interesse, algo que nem sempre acontece em ambientes virtuais.

No início do curso, realmente é importante que se tenha maior atenção e paciência e jeito com os novatos, mas com o decorrer deste, o aluno precisa fazer sua parte estudando e se dedicando, pois a premissa do ensino a distância é exatamente a disciplina, sem ela o aluno tende a ir se desestimulando, podendo correr até mesmo o risco de desistência.

Por último cabe lembrar que a capacitação dos tutores, juntamente com uma prévia organização deste com planos de aula, podem fazer toda a diferença no processo de interação e construção do conhecimento e que um aluno realmente autônomo é algo muito difícil, porém necessário, afinal de contas, só os mais preparados conseguem se destacar no competitivo mercado de trabalho.

REFERÊNCIAS:

ALMEIDA, M. E. B. Formando professores para atuar em ambientes virtuais de aprendizagem. In: ALMEIDA, F. J. (Org.). **Educação à distância: formação de professores em ambientes virtuais e colaborativos e aprendizagem**. São Paulo: Projeto NAVE – PUC-SP, 2001. p. 20-40.

ARANTES, V. Cognição, Afetividade e Moralidade. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v.26, n.2, p.137-153, jul./dez.2000

BEHAR, P. A.; LEITE, S. M.; BORDINI, S.; Souza, L. B. de; SIQUEIRA, L. G. Avaliação de Ambientes Virtuais de Aprendizagem: O Caso do ROODA na UFRGS. **Revista Avances em Sistemas e Informática**, v. 4, p. 81-100, 2007

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Dispõe sobre a implementação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. In: MEDUAR, O. (Org.). **Constituição Federal, Coletânea de Legislação**. 5 ed. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2007.

CAMPOS F. C. A., ROSA M. E. , COSTA N. S. **Fundamentos da Educação a Distância, Mídias e Ambientes Virtuais**. 1ª. ed.48pp. – Juiz de Fora: Editar, 2007

CARVALHO J. S. “Indicadores de formação de comunidades virtuais de aprendizagem” In: **Anais do XX Simpósio Brasileiro de Informática na Educação. Florianópolis**, 2009.

GOECKS, R. **Educação de Adultos – Uma Abordagem Andragógica**. In: <<http://www.andragogia.com.br>> Acesso em Novembro de 2010

LABVIRT. Disponível em<<http://www.cienciamao.usp.br/tudo/index.php?midia =lab>>. Acesso em Setembro de 2010

LEAL, R.B., **A Importância do Tutor na Aprendizagem à Distância**. In: **Revista Iberoamericana de Educación**, disponível em<<http://www.rieoei.org/deloslectores /947Barros.PDF>>, Acesso em Novembro de 2010

LOBO NETO. F. J. S. (Org.) **Educação a Distância**. Brasília: Plano, 2001.

MARTINS, J. S. B e QUADROS, T. “Experiences and Practices in Modeling Distance Learning Curricula for Capillary Approaches and Limited ICT Resource Scenarios” In: **IFIP Working Group 3.2 & 3.4 Workshop – Information and Communication Technologies (ICT) and Real-life Learning**, Melbourne, 2004.

MOODLE DOCS. **Requisitos de Instalação do Moodle**. Disponível em <http://docs.moodle.org/pt/Instala%C3%A7%C3%A3o_do_Moodle#Requisitos?>. Acesso em Novembro de 2010.

MORAN, J. M. **Desafios da Comunicação Pessoal** -3ªed. p. 43-50.- São Paulo:Paulinas, 2007.

NUNES, M. A. S. N.; MACHADO, G. J. C.; SCHNEIDER, H. N. “Repensando os ambientes virtuais de aprendizagem: o caso da UFS” In: **Anais do XX Simpósio Brasileiro de Informática na Educação**, Florianópolis, 2009.

PIAGET, J. **O Desenvolvimento da Lógica** – 9ª. ed.56pp. - Rio de Janeiro: Martin-Claret, 1996.

REIS, E. M. e LINHARES M. P. “Repensando Saberes Docentes e Discentes no PROEJA: O Espaço Virtual de Aprendizagem no Ensino de Ciências” In: **Anais do XX Simpósio Brasileiro de Informática na Educação**, Florianópolis, 2009.

RIBEIRO, J. C. S. JUCÁ, V. J. Hipertextualidade e Cultura Contemporânea. Disponível em: <<http://www.facom.ufba.br/hipertexto/cultura.html> >. Acesso em março de 2013.

SANTOS, E., ALVES, L. **Práticas Pedagógicas e Tecnologias Digitais**. Rio de Janeiro: E-Papers, ISBN 85-7650-083-3. 2006.

SATO, M. **Educação para o Ambiente Amazônico**. São Carlos: 1997, 245p. Tese